

Da missão natural do homem

de CORREIA DE SOUSA

O homem é um animal de hábitos. Perfilhamos a definição. Porém, o homem adquiriu hábitos bons e maus. Estes dominam e por isso preferimos... de actuação contraditória.

O homem desloca-se da sua missão natural actuando em contradicção com ella. Abusa da sua condição e da Natureza. Afasta-se de ambas e leva o abuso até à negação de si, como filho, e da Natureza, como mãe.

Espalhou-se pelo mundo e aceitou-se sem discussão que o homem domina a Natureza. A verdade é que elle nem a domina nem a sua missão consiste em dominá-la. Bastará raciocinar um pouco para concluirmos sobre o quanto somos infinitamente pequenos, ante a Natureza infinitamente grande.

Se medíssemos a responsabilidade dos conceitos que, falando ou escrevendo, pomos a correr mundo, contribuiríamos para evitar juízos errados, ideias falsas, orgulhos plenos de fraquezas, vitórias que são fracassos e loucuras desastrosas. A desgraça dos povos está em seguirem o caminho que lhes é indicado pelos conceitos, ideias e orgulhos—tornados dinamismo da vida social.

Segundo o significado do termo, a Natureza sujeitar-se-ia inteiramente à vontade do homem e a este só restaria a triste convicção de haver terminado a sua tarefa no atingido limite das descobertas e do mundo de curiosidades, incentivo da vida das gerações. As leis que regem a existência dos povos e do próprio planeta estariam submetidas à sua vontade suprema. Esse egocentrismo todo poderoso seria a morte da vida—obra em que o homem, para triste glória sua, parece empenhado.

E' freqüente encontrar tristes raciocínios que nos dão o homem como dominador e senhor absoluto da Natureza. Faz-se dela inimigo vencido e do homem general orgulhoso, com os lauros da vitória e o direito de decidir da sorte dos vencidos no campo da batalha. Ingratidão e orgulho que apenas traduzem insignificância, ridícula inferioridade.

A Natureza criou o homem e ofereceu-se-lhe pôs-se generosamente à disposição d'elle, não para ser dominada mas apenas para elle se servir de todos os recursos por ella produzidos, para criar a felicidade ao homem e lhe perpetuar a vida. O progresso

nasce com o homem. E' a corrente impetuosa da fonte inexgotável da Natureza e o agente, a um tempo activo e passivo, das necessidades humanas. Nascido delas, retribuindo-as e medindo-as. Quanto mais se desenvolve, mais demonstra que o homem só da fonte da Natureza pode socorrer-se, tanto para satisfazer as suas necessidades vitais como para prolongar a vida espiritual na arquitetura das suas quimeras.

O permanente contacto com a Natureza está determinado por leis que são a razão de existência da vida humana, sem que o homem possa fugir a essa submissão natural. Fora dessa submissão a vida seria inconcebível. E' o que parecemos esquecer na nossa epistólica passagem pela vida, realizando a nossa tarefa afastados da Natureza.

O homem orgulha-se do seu génio criador e admira-se na maravilha das suas criações. Nas suas gigantescas construções, na aventura das suas descobertas, no génio dos seus inventos está a sua grandeza. E' a maravilha das maravilhas, a dimensão das dimensões. Ele é o único criador e a sua obra a única grandeza no mundo da existência.

Multiplicam-se as gerações, sucedem-se os séculos, dá-se a derrocada dos impérios, civilizações que se desmoronam outras civilizações nascem, prosperam e vivem o seu tempo. Tudo é obra do homem, em tudo elle deixa, sangrando, o cunho da sua inferioridade. A tudo fechando os olhos da cara e do espirito, sempre ingrato e vaidoso, não vê o quanto toda essa grandeza é infinitamente pequena no tempo e no espaço. Continentes que desaparecem, novos continentes que surgem, mundos que agonizam, novos mundos que aparecem. E toda a infinita grandeza e todo o infinito poder do homem reduz-se a zero. Não passa de simples espectador.

E' um boiado da Natureza em pé. Tem vergonha de considerar-se tão insignificante. Porção de matéria inerte transformada em matéria orgânica, julga um vexame afirmar a paternidade. Prefere ser filho da incógnita, do mistério.

Todo esse mistério, toda essa grandeza a bem pouco se reduzem. Um pouco de carbono, hidrogénio, oxigénio, azote, enxofre, fósforo, ferro, silício, zinco, etc., tudo sabiamente doseado, combinado e

organizado no laboratório da Natureza. Ai se produziu a expressão acabada da sua obra—o homem. Em troca coisa alguma se lhe exigiu. Antes se lhe ofereceu todos os meios para crescer, viver, se multiplicar e criar a sua felicidade.

E' a massa de que é fabricado o rico e o pária, a rainha e a camponesa, o soldado e o general, o imperador e o súbdito, o papa e o sacristão. Na produção do laboratório da Natureza não há etiquetas. Uma só e igual origem, um só título, uma só hierarquia. A fisiologia destrói todos os artifícios. O homem inventa-os e vela por elles, como símbolo da sua fraqueza.

Orgulhoso de si e dos seus feitos, institui como seu dever e seu direito uma conduta que faça da sua vontade o Estado com os seus obedientes súbditos. Habitua-se a invadir o domínio individual e a fazer-se obedecer, fundando o império do seu domínio e medindo-lhe a jurisdição com a lei da vontade. Defende a latitude do seu eu, dum individualismo egocêntrico que dificulta, atrofia e amputa a vida no esquecimento de que a subordinação à lei natural é a conquista do seu direito à existência.

A vida é um livro aberto em que se aprende enquanto se vive. O homem aprende o que o livro não ensina e pratica para com o seu semelhante o que repele quando praticado para consigo. E procede assim antes, durante e depois da defeza das doutrinas de Cristo, cuja imagem vem arrastando através os tempos como símbolo de moral e justiça.

Nesse tempo e nesse espaço, esquece que um dever tem a cumprir e que esse dever se prolonga numa responsabilidade contraída. O dever consiste na aproximação da Natureza e enriquecer o espirito com a maior soma possível de conhecimentos dignificando-se penante a sua origem e a sua condição. Para isso foi dotado. Quando judiciosamente se pretende que o saber se conquista, apenas podemos compreender, que só se pode conquistar o que à conquista se oferece.

Quaisquer que sejam os termos preferidos para expressar a origem, direcção e acção dos fenómenos, uma verdade ficará sempre em pé: o homem é simultaneamente activo e passivo perante a Natureza. Ella o apetrechou com prudente e generosa sabedoria. Tivesse elle a grandeza de o

reconhecer e segundo ella se orientar.

O seu saber é a resultante, em última análise, das legadas faculdades de apercepção e percepção. E' recebido pela única via da capacidade fisiológica. Recebe—por isso, deve. E' a responsabilidade contraída.

Como ser consciente, cumprir-lhe abarcar na responsabilidade que lhe cabe o exame ao como para com elle fora cumprido esse dever e reflectir sobre como o deverá elle cumprir para com o seu semelhante. Descartes, fazendo esse exame, retrospectivo e em relação ao seu presente e ao futuro, com os materiais das suas faculdades, é exemplo edificante na sua formidanda obra de destruição dum dogma filosófico com vigorosas raízes em dez séculos.

Volney, espirito de investigador, memória riquíssima de imaginação, vivia flagelado pela convicção de que os povos jaziam nas trevas da ignorância, sacrificados ao artificialismo das credencias e dos misticismos grosseiros, obstáculo à felicidade, ultraje à Natureza. Era preciso um esforço heróico para arrancar do sepulcro das trevas tantos milhares de espiritos conformados com a hedionda deformidade da vida. Compenetrado de que tão nobre dever se lhe impunha corre a contribuir para a obra de esclarecimento que três séculos depois continua a exigir esforços colossais.

A esse dever sacrificou boa parte da sua existência tão preciosa. Levado pelo inextinguível amor ao seu semelhante, percorreu o Oriente, estudou as línguas orientais para melhor penetrar os mistérios das várias religiões, segredos das seitas, contradicções de dogmas, absurdos de misticismos, grosserias das superstições, origem de mitos e deuses, embustice de charlatães, horrores dos despotismos e todas as influências perniciosas. Investigou, estudou, concluiu, esclareceu. Comparemos a grandeza de alma que o collocou, cabeça apoiada nas mãos, chorando como uma criança abandonada, sobre as ruínas de Palmira, com os feitos dum conquistador dominando um povo a ferro e fogo. Nobre herói de nobre e heróica batalha, della nos lega os lauros, na obra prima as Ruínas de Palmira, que em França teve grande expansão sob o título de Catecismo do cidadão francês. E' dos livros mais preciosos que o génio humano tem produzido. Não obstante se-

(Continua na página catorze)